



Reflexões impostas pela pandemia do novo coronavírus. Sairemos melhor dela?

Reflections imposed by the new coronavirus pandemic. Can we get out of it better?

Sobrinho, L. L. P; Calgaro, C.; Rocha, L. S. (Orgs.). *COVID-19 e seus paradoxos*. Dados eletrônicos Itajaí, SC: UNIVALI, 2020. 424 p. (E-book).

Larissa ROSA^{1*}

¹ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

* E-mail de contato: larissa.rosa@mdr.gov.br

Resenha recebida em 11 de dezembro de 2020, versão final aceita em 6 de maio de 2021, publicado em 23 de dezembro de 2022.

Este livro, lançado digitalmente em maio de 2020, no “calor” dos acontecimentos, faz aportamentos de como a comunidade mundial vem enfrentando a pandemia do novo coronavírus-COVID-19 e seus desdobramentos¹. A publicação reúne achados científicos de grupos de pesquisa de diversas universidades brasileiras e estrangeiras,

com o objetivo de ampliar as discussões e reflexões acerca das pesquisas realizadas sobre a pandemia e difundir o conhecimento científico em benefício da sociedade atual.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada

¹ No momento da publicação do livro, em maio de 2020, tinham ocorrido no mundo 3.672.238 casos confirmados de COVID-19 e 254.045 mortes. Quando da elaboração desta resenha, dezembro de 2020, essas cifras subiram para 68.966.841 casos confirmados e 1.570.696 mortes. No momento desta publicação, outubro de 2021, o mundo registra aproximadamente 219 milhões de casos e 4,5 milhões de mortes, sendo destas 600 mil mortes registradas no Brasil.

pelo novo coronavírus (*Sars-Cov-2*). Entre março e maio de 2020, ou seja, em tempo recorde, os organizadores deste livro, Liton Sobrinho, Cleide Calgaro e Leonel Rocha, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), reuniram 21 artigos escritos por um conjunto de autores que, nos seus variados campos de reflexão (direito, geografia, ciências sociais, economia), produziram conhecimento sobre a incidência da Covid-19.

Não há como racionalizar sobre algum tema hoje em dia sem considerar os efeitos provocados pela pandemia de Covid-19 em todo o mundo. Nada será como antes. Por isso mesmo, o mérito e relevância da obra já estão postos. Aliás, em meio a tanta confusão, refletir sobre o que está acontecendo é um imperativo.

A questão é se saberemos como transformar tantas ameaças e riscos trazidos pela pandemia em oportunidades de uma grande transformação. Haverá vontade política e consciência social para mudar radicalmente? Podemos enfrentar o desafio com base na sobrevivência coletiva? Essas perguntas, colocadas logo no início do primeiro artigo do livro, representam tentativas de buscar respostas nos textos que se seguem, respostas sobre preocupações que ainda nos acompanham.

Além dos aspectos políticos e jurídicos da pandemia, temas centrais da coletânea, outras questões são realçadas no conjunto da obra- ameaças à democracia e ao Estado de direito, falência do estado neoliberal, “consumocentrismo”, crise ambiental, desigualdade social, explicitação do medo e dos riscos de nossa sociedade, educação e trabalho pós pandemia e medidas de contenção do surto epidêmico. Examinaremos alguns destes aspectos que nos chamaram atenção.

Os sexto, oitavo, nono, e do décimo - quinto ao vigésimo artigos, intitulados respectivamente “As diretrizes da OMS e o direito transnacional”; “As restrições aos direitos fundamentais: da limitação à liberdade de locomoção à campanha ‘O Brasil não pode parar’”; “Responsabilidade civil dos portadores conscientes de covid-19 por inobservância do isolamento social”; “Desafios impostos pela pandemia às categorias jurídico-políticas tradicionais”; “Estados excepcionais e restrições de direitos”; “El derecho al acceso a la información”; “Educação em tempos de pandemia: a integração da liberdade, igualdade e fraternidade para a efetivação dos direitos fundamentais” e “Hacia un Estado Pandémico? - Algunas valoraciones a partir del efecto Covid-19?”, podem ser comentados simultaneamente, porque apresentam vários pontos de aproximação, ao discutir as implicações colocadas pela pandemia no campo jurídico-político.

Esses oito artigos se aproximam mutuamente por apresentar observações transdisciplinares do direito e da sociedade. É neles que encontramos as reflexões que asseveram mais claramente que precisamos promover novas formas de organização, diálogos e capacidades para lidar com os conflitos gerados na modernidade, ou no antropoceno, que seria na verdade o “capitaloceno”, conforme afirma Alberto Acosta no primeiro artigo do livro, ora resenhado.

De um modo geral, os organizadores ordenaram os artigos de forma tematicamente progressiva, sem uma concentração de textos por temas, o que privilegia uma abordagem interdisciplinar que nos chama a pensar e agir. Ainda que a multiplicidade de visões e avaliações sobre a pandemia variem, há um substrato comum a todos os artigos: especulações sobre possibilidades para o nosso futuro comum

próximo. Qual mundo herdaremos ou deixaremos pós pandemia?

O último artigo, “A teoria da imprevisão e a gestão pública de crises no Brasil”, escrito pelos advogados Viviane Knoerr e Fernando Knoerr, afirma que todo o tecido social se vê forçado a mudar na presença da pandemia, desde a economia à vida profissional e familiar de cada indivíduo. Na mesma linha, o décimo-quarto artigo, “Revolução Digital e Capitalismo Global: A pandemia em perspectiva decolonial”, coloca que este momento nos oferece uma janela de oportunidades para repensarmos os limites do capitalismo neoliberal e das formas de distribuição de riquezas em um mundo desigual. Realça, como impactos mais imediatos da pandemia, as transformações do modelo de produção e consumo por meio da aceleração da vida *on-line* decorrentes do isolamento social. O virtual e o digital estão em ascensão. Em sociedades desiguais isso traz múltiplos desafios.

Diante desta argumentação, é pertinente mencionar o recente livro *A cruel pedagogia do vírus*, publicado em abril de 2020, por Boaventura de Sousa Santos, no qual ele afirma que a pandemia só vem a acentuar e tornar visíveis uma série de problemas sociais estruturais causados pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, entre eles a divisão de classes, a devastação ambiental, a exclusão social, a discriminação e a extrema pobreza. Santos (2020) utiliza a expressão “a sul da quarentena” para denominar os indivíduos que pertencem a grupos sociais historicamente marginalizados que, devido à quarentena, sofrem ainda mais com as mudanças sociais impostas.

O primeiro (“Paradojas de la democracia en cuarentena”), o segundo (“Covid-19, causada pelo coronavírus: palavras sobre uma pandemia anun-

ciada”) e o sétimo (“O mundo após o covid-19: vulnerabilidades, incertezas e desafios socioambientais”) artigos do livro resenhado, respectivamente de Acosta, Pereira *et al.*, e de Saito *et al.*, seguem o raciocínio de Santos (2020) ao abordarem as fragilidades de nossa sociedade a essa pandemia, e as cogitações inspiradas por essas análises para entender a construção do mundo após a crise que se segue.

No sétimo artigo citado, os autores Saito *et al.* perguntam: o que nos fez tão vulneráveis? O quadro referencial de vulnerabilidade utilizado por eles é capaz de identificar em que medida nos tornamos mais ou menos vulneráveis em função de nossa exposição ao vírus, da sensibilidade de nosso sistema social que nos faz propensos à manifestação das formas graves da doença, e da forma como nosso sistema social está preparado para responder à pandemia, para que o desastre possa ser contido. Isto é, quanto maior a desigualdade social e quanto maior a parcela da população vivendo em condições de pobreza, maior é a sensibilidade daquela sociedade à pandemia. Sendo maior a sensibilidade, maior será a vulnerabilidade, o que exige dos Estados ações sobre outros aspectos da sensibilidade, e sobre os componentes da exposição ou capacidade de resposta como medida de compensação.

Não por acaso, a obra do sociólogo alemão Ulrich Beck *A Sociedade de Risco*, publicada na Alemanha, em 1986, vem a calhar. Sobre a sociedade de risco: o risco é socialmente desigual e segue os pobres. Beck (2010) chama a atenção ainda para o componente de futuro intrínseco aos riscos para além da catástrofe que está ocorrendo. Pois segundo ele, os riscos não se esgotam, contudo, em efeitos e danos já ocorridos. Riscos têm a ver, fundamentalmente, com antecipação, com destruições que

ainda não ocorreram, mas que são iminentes, e que, justamente por causa disso, já são reais hoje.

Esta visão dos riscos presente em Beck (2010) e no livro resenhado coloca o momento da ação no “agora”, para evitar a catástrofe. No segundo artigo deste livro, “Palavras sobre uma pandemia anunciada”, os autores complementam que nenhum Estado estava preparado para enfrentá-la. Eles estavam preocupados com a produção de bens, bens que se revelaram distantes do real bem-estar do cidadão, incluindo-se nele a saúde. Mas não há como negar que o risco era conhecido.

Harari (2018), em *21 lições para o Século 21* aponta que sempre se abordou o assunto dos vírus como uma das possíveis formas de destruição da humanidade. Mais do que isso, as formas de evitar ou minimizar exponencialmente seus efeitos eram conhecidos, porém nenhuma atitude preventiva foi elaborada. A precarização da saúde e o não direcionamento adequado da ciência são dois quadros que ficaram evidenciados pela pandemia. No que se refere ao Brasil, investimento em informação qualificada, sistema de saúde público e em outros direitos básicos e fundamentais aos cidadãos poderiam ter minimizado o caos.

No entanto, o impasse em que a humanidade se encontra tem que servir para recompor o planeta que ela habita. A grande maioria dos artigos do livro cita que as chaves seriam a solidariedade² e a cooperação. Conforme Harari (2020), tanto a epidemia em si quanto a crise econômica resultante são problemas globais que precisam ser enfrentados pela cooperação global. O que está em “jogo” é, nada mais nada menos, que a preservação da vida

em escala planetária.

A solidariedade internacional vem na sequência de muitas iniciativas solidárias na escala nacional. Para além do auxílio financeiro emergencial de R\$ 600 aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia, no Brasil, as redes sociais impulsionaram ações que combinaram o prestígio de pequenos negócios, doações à grupos vulneráveis, reforço aos valores comunitários, e de mecanismos de empatia ao próximo, como ajuda aos vizinhos que são grupo de risco nas compras domésticas, gratidão nas sacadas em relação aos profissionais da saúde, as *lives* em torno da música, interações sociais à distância, como shows e cinemas drive-in. Tendências inescapáveis para os próximos anos.

Como não seria possível resumir a contento numa resenha esta coletânea de 21 artigos, este breve relato serve para nos inquietar e para nos fazer considerar os conhecimentos e possibilidades de mudança decorrentes da pandemia do coronavírus. O livro, como um todo, de fácil leitura, assume um tom investigativo e otimista. Sobretudo, nos oferece um panorama de um mundo que há nove meses deixou de existir. É uma contribuição literária boa e criativa digna de ser lida por toda a sociedade.

Referências

- BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2010.
- HARARI, Y.N. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

² A palavra solidariedade é uma das mais citadas, aparecendo 182 vezes no decorrer dos artigos.

HARARI, Y. N. *In the battle against coronavírus, humanity lacks leadership.* Time, 15 mar. 2020. Disponível em: <<https://time.com/5803225/yuval-noah-harari-coronavirus-humanity-leadership/>>. Acesso em: nov. 2020.

SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus.* Coimbra: Edições Almedina, 2020.